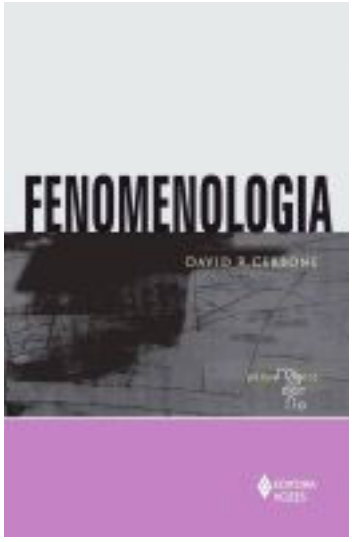
RESENHA
CERBONE, David R. **Fenomenologia.** Trad. Caesar Souza. Petrópolis: Vozes, 2013. 292p.



Sobre o significado permanente da fenomenologia: Husserl, Heidegger, Sartre e Merleau-Ponty

ROBERTO S. KAHLMEYER-MERTENS*

Não resta dúvida de que a fenomenologia é uma matriz influente no pensamento contemporâneo. O interesse por ela, contudo, esbarra no elevado nível de dificuldade que esta oferece. Tais dificuldades viriam menos de sua especificidade técnica ou da intelecção de premissas presumidamente complexas e mais da atitude de quem pretende pensar fenomenologicamente.

Contribuições para compreender este modo peculiar de pensar podem ser encontradas em *Fenomenologia*, de David Cerbone (professor universitário em West Virginia, Reino Unido). Tal título, publicado em português em 2013 pela Editora Vozes, integra a Coleção Pensamento Moderno, cuja proposta é trazer obras de introdução a temas filosóficos de relevo.

Dividida em cinco capítulos, a obra inicia com um tópico que possui um feitio diverso das introduções convencionais. Geralmente afeitas à apresentação de conceitos, temas e componentes teóricos de determinada matéria, introduções de trabalhos acadêmicos subsidiam aqueles que seriam os princípios de uma doutrina ou investigação, entretanto, no livro de Cerbone, a abertura a esses elementos dá-se por meio de uma série de exercícios.

Assim, em seu texto, o autor interage com o leitor conduzindo-o a pensar fenomenologicamente. Indica, por exemplo, que temos uma vista da página do livro aberto diante de nós, mas aponta que o ver fenomenológico seria aquele que se ocupa de inspecionar o modo com o qual tal visão se dá. Temos, assim, que a fenomenologia seria o ver que atenta para o visto e para o modo com que este é experiência fenomenal da consciência ou, como diz o autor com suas palavras: "[...] prestar atenção à experiência em vez de àquilo que é experienciado é prestar atenção aos fenômenos". (p.13).

É no avanço de seu exercício que conceitos e posições de base da fenomenologia são gradativamente ministrados. Neste movimento, nosso autor também esboça a maneira com que a fenomenologia se apresenta em Husserl, em Heidegger, em Sartre e em Merleau-Ponty. Essas "largas pinceladas", mais do que uma prévia do aprofundado nos capítulos subsequentes, ajudam a delimitar o livro tematicamente. Deste modo, o autor, mesmo reconhecendo a importância de Max Scheler, Edith Stein e Eugen Fink, se detém aos supramencionados, por considerá-los "[...], sem dúvida, as

figuras mais famosas do movimento fenomenológico". (p.23)

O primeiro capítulo, após uma notícia de vida e obra de Husserl (cujo padrão se repete no início de cada capítulo referindo-se ao filósofo da vez), inicia a parte temática do livro esforçando-se por caracterizar a fenomenologia como um *antinaturalismo*. A fenomenologia, destarte, seria modo de pensar que confronta a maneira natural com que a consciência assume supostas verdades e princípios e, mesmo, estende tais preconceitos a modos pretensamente mais qualificados, como seriam as ciências. Após, noções-chave da fenomenologia metódica de Husserl, como "redução fenomenológica", "descrição fenomenológica", "*noese* e *noema*" e "a constituição do ego" concrescem este tópico dando conta de uma exposição da fenomenologia husserliana e de seus desdobramentos em chave *transcendental*.

Embora nossa resenha não se pretenda crítica, ressaltamos que o tradutor brasileiro da obra se mostra inteirado dos termos mais acertados para traduzir Husserl para nosso idioma. A opção, por exemplo, de verter o vocábulo alemão *abschattung* por "adumbramento" (em vez de "perfilamento", "perspectiva" ou "sombreamento" como às vezes se usa) alinha Caesar Souza às tendências mais atuais usadas pelos tradutores portugueses.

No segundo capítulo temos uma apresentação da fenomenologia de Martin Heidegger. Ali estão apontados o projeto de sua ontologia fundamental, o cariz fenomenológico deste empreendimento, o peso que o conceito de compreensão recebe no seio deste projeto híbrido de hermenêutica, e outros conceitos que caracterizam a tentativa heideggeriana de uma fenomenologia em bases existenciais.

Não existe neste capítulo sobre Heidegger qualquer conteúdo referente à sua filosofia tardia, o que se explica por Cerbone entender que a *fenomenologia* heideggeriana está compreendida entre os anos 1919-1929, período denominado de "década fenomenológica". (p.65) (Caberia perguntar ao comentador se a filosofia de Heidegger, após os anos vinte, estaria absolutamente isenta da influência da fenomenologia).

Se uma objeção for pertinente a este capítulo, ela se dirige ao fato de o comentador inglês conservar em alemão alguns conceitos da fenomenologia de Heidegger, é o caso de *Dasein*, *das Man* e *Befindlichkeit*. Ora, ao conservar esses termos no original, Cerbone se furta a pensar tais noções filosóficas em seu idioma. Tais vocábulos, entretanto, são conceitos e, em se tratando de uma introdução, seria desejável que estes fossem traduzidos para a língua de quem pretende apreender sua conceptualidade.

Jean-Paul Sartre é enfocado no terceiro capítulo, ali se descrevem as circunstâncias pitorescas do encontro do francês com a fenomenologia e se delineia o caminho do pensamento fenomenológico de Sartre (do caráter ensaístico de *A transcendência do Ego* à maturidade de *O ser e o nada*). Boa parte do tópico privilegia a crítica do francês à concepção husserliana de "ego puro", pois, para o primeiro, ao contrário do outro: "[...] o ego não está formal nem materialmente *na* consciência: está lá fora, *no mundo*. É um ser do mundo, como o ego dos outros". (p.111).

Maurice Merleau-Ponty é a pauta do quarto capítulo, cuja linha de exposição

se constrói em torno do argumento de que o francês reabilitara algumas das questões da fenomenologia transcendental de Husserl – sobretudo as de *Ideias II* – em sua fenomenologia da corporeidade. A integralidade desse capítulo se beneficia, portanto, de uma apresentação dos termos das investigações merleau-pontyanas sobre a experiência fenomenológica do corpo, privilegiando a obra *Fenomenologia da percepção*. Mais do que estes pontos previsíveis numa apresentação sobre Merleau-Ponty, é digno de nota nesse tópico o mapeamento que o comentador faz das relações que o fenomenólogo teria com a psicologia da *Gestalt* e com a psiquiatria de Kurt Goldstein.

O quinto capítulo (destacado inclusive na orelha da edição brasileira) se chama *Problemas e perspectivas: a fenomenologia e seus críticos*. Nele, o leitor tem um conjunto de indicações de como a fenomenologia vem sendo tratada nos últimos anos por filósofos como Derrida; uma análise das críticas passíveis de serem colocadas por pensadores não vinculados à fenomenologia (como é o caso de Dennett) e a conjugação de argumentos e réplicas que nos permitem avaliar o espectro desse modo de pensar no âmbito da filosofia em geral.

Registre-se, ainda, que todo o livro é marcado por nítida preocupação didática, isso constatamos ao ver que o autor oferece *boxes* que acrescentam esclarecimentos e subsídios à compreensão do leitor; também, ao término de cada capítulo, encontramos *sumários dos pontos-chave* que colaboram na revisão e fixação dos conteúdos. Ao fim do livro, do mesmo modo, em vez de uma conclusão, temos um tópico intitulado *Questões para discussão e revisão*, resumo esquemático de cada capítulo.

Ao fim das quase trezentas páginas de *Fenomenologia*, apreciamos o êxito do autor em fornecer uma visão de cada figura fenomenológica e de trabalhar algumas de suas principais ideias, atenuando as dificuldades próprias a este pensar. Nesse momento, o leitor também poderá experimentar a impressão de ter lidado com um dos bons intérpretes da fenomenologia em língua inglesa, como Hubert Dreyfus e Charles Guignon. Tal impressão não seria fortuita, afinal, Cerbone agradece a estes que foram seus mestres, declarando inclusive sua vinculação acadêmica a outros nomes importantes na cena da fenomenologia anglófona, como: Jeff Malpas, Mark Okrent, Mark Wrathall e William Blattner.

Recebido em 2015-01-10
Publicado em 2015-03-14

* **ROBERTO S. KAHLMEYER-MERTENS** é Professor adjunto do Departamento de Filosofia da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE. Doutor em Filosofia formado pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ.